

Prana.

Prezado senhor Shaves:

agradeço a sua remessa da "Sinfonia Inacabada" cujo manuscrito segue de volta em anexo. A partitura exige instrumentação exótica, e como nenhuma orquestra brasileira dispõe de elementos que possam realmente executar as partes destinadas á tabla ou á tamboura, lamento que não vejo possibilidade de fazer apresentar a sua obra no presente momento.

Tomo, no entanto, a liberdade de informa-lo do efeito que a sua composição teve sobre mim. Toquei-a no meu piano, para poder julgar o seu mérito, mas me vejo incapacitado de lhe transmitir a minha opinião, porque se deu comigo o seguinte: Logo depois dos primeiros acordes a minha respiração se tornou irregular, irrompi em suor frio, senti uma tontura e as minhas pernas sentiram como que um impulso irreprimível de se cruzar debaixo do meu corpo. Tentei, obviamente, interromper a execução de sua peça, mas os meus dedos recusaram-se a obedecer a minha vontade e continuaram, quase autonomos, a seguir a sua partitura. Depois de relutar em vã contra a força estranha que se tinha apossado de mim, rendi-me a xela. Arranquei as roupas do corpo, cruzei as pernas e nessa posição continuei tocando. Os meus pensamentos perderam todo objetivo, não mais pensava em alguma coisa, mas continuava pensando. Era como se a minha mente se tenha transformado em moinho que continuava a moer sem farinha. A minha respiração se tornou ritmada da seguinte maneira: quatro unidades para a inspiração, oito para a retenção do ar, duas para a expiração pelas narinas.

Os pensamentos se concentraram em redor dessa respiração ritmada e seguiram o circulo do ar que entrava por meus pulmões e deles saia. Durante a inspiração a minha mente engolia avidamente o mundo exterior, apreendendo indiscriminadamente todo o labirinto de formas, cores, sons e ideias que formam o não-eu. Durante a retenção do ar compreendia todo este conjunto de fenomenos e assimilava-o á minha mente. Durante a expiração imprimia o selo da minha personalidade ao mundo inteiro. Durante a inspiração me tornei estudante e discípulo do mundo, durante a retenção me tornei possuído da mais completa sabedoria e do conhecimento absoluto, durante a expiração me tornei senhor e dono do mundo. Durante a inspiração estava no centro de um torvelinho para o qual o mundo inteiro tendia. Durante a retenção me fundi no mundo, já não existia distinção entre o mundo e a minha mente. Durante a expiração o mundo era uma extensão do meu eu, me pertencia como me pertence o meu corpo.

No fundo inarticulado do meu espirito surgiu um sentimento, a um tempo afirmativo de existencia, de saber e de felicidade que fez com que eu aceitasse os tres movimentos do meu pensamento como a mais natural das coisas. Eram tres movimentos de uma realidade unica e una: o mundo influe no eu, o mundo e o eu se fundem, o eu eflue no mundo. O eu é inspirado pelo mundo, o mundo é inspirado pelo eu, o eu e o mundo são um unico halito indistinto. Eu e mundo são os dois aspectos do halito que circula, eu e o mundo são dois aspectos ilusorios da realidade suprema.

Tinha chegado ao fim de sua peça, infelizmente inacabada, e com a dissonancia final cheguei a mim no verdadeiro sentido dessa palavra. Novamente me irrompeu o suor frio, e me encontrei na situação absurdo de estar sentado nu, com as pernas cruzadas na cadeira, diante do piano. Um profundo malestar se apossou de mim, e tinha um sentimento de vergonha, como se tivesse praticado uma ação impudica e depravada. Corri para a cama.

Na suposição que esta minha experiencia interessará a VS. firmo-me,

com os meus mais sinceros respeitos

Mozart Vivaldo de Boccherini,

Segundo Regente da Sociedade Bachiana.